

Voz de Guimarães

Redacção e Administração: Rua da Republica

Casa Nun' Alvares — GUIMARÃES

Comp. e imp. — Tip. LUTITANIA, R. Gravalor Molurinho — GUIMARÃES.

SEMANARIO REGIONALISTA

DIRECTOR: ARTHUR BIVAR

Proprietario: MINHO GRAFICO

Administrador e Editor:

Luiz Gonzaga Pereira

Rua da Republica — GUIMARÃES

OBRA CONSTRUCTIVA

Organisemo-nos

(Continuação do n.º 63)

Não pareça teimosia de obsecado, a insistencia com que escrevemos a palavra que serve de subtitulo a este artigo. Ela traduz o sentido da grande necessidade do momento historico que a nação portugueza está atravessando, e bem temeroso e confrangedor ele é, para que possamos estar a escolher palavras sem oportuno significado quando desta sagrada tribuna que é a Imprensa, hemos necessidade de as escrever.

Os tempos de hoje são de luta; e cada qual escolhe livremente o campo de combate que mais propiciios lhe é e para o qual a sua inclinação, o amor ao seu idial e a sua defesa o chama.

Mas se é livre a escolha do campo de acção, não são contudo livres ou indiferentes os meios de agir. A estes regem-nos os preceitos das leis divinas, da ordem moral, das conveniencias e interesses da Patria.

E sahír fóra dessas leis, dessa ordem, e dessas conveniencias e interesses, é caminhar para o abismo.

Tambem por esta razão, não é licito o continuo sobressalto em que hora a hora estamos vivendo em Portugal.

E quem produz esse sobressalto? Os homens que por palavras e obras continuamente se apresentam como salvadores da Patria, mas á custa da Sua revolução.

A revolução... as revoluções.

Se a salvação da Patria estivesse na revolução... nas revoluções, quantas vezes Ela, a infeliz Patria, minha Amada, teria sido salva!...

Quantas revoluções se fizeram já em Portugal, de ha decada e meia de anos a esta data? Quantas neste momento, hoje, estão de caldeiras sobre pressão para lançarem o vapor escaldante sobre o Portugal de Virtudes e Heroismos? Portugal... meu pobre e querido Portugal!

Cada revolução é por ti... e tu velho, que parece cansado de tanta gloria do Passado, por cada uma apenas sentes um pouco mas bem amargo golpe na tua honra uma ferida no teu coração e já de tantas revoluções que para ti tem feito, tu que não és ingrato, as agradece e maldizes! e aos seus organisadores amaldiçoa e exclamas:

—Deixai-me, vampiros! que cada vez mais sinto esvaír se o sangue que ainda me é alentó de vida: este sangue que generoso derramei em quatro continentes, é sagrado porque é o sangue do Passado, o do Presente e o do Futuro!... Deixai-me!

E a voz do Portugal de Vimaranes... de Lisboa... e da India... e de 1640 não é escutada. E lagrimas de sangue, generoso e bom e bem portuguez, cobrem as faces venerandas do velho Portugal... Meu pobre e querido Portugal!...

E que fazemos nós, os que amamos o Portugal de Ourique e Aljubarrota, o Portugal crente e conquistador... que fazemos?

Nós os que sentimos o pulsar maguado e cansado do Portugal de Ormuz, Gôa e Malaca—que fazemos?

Nós os que vemos correr essas lagrimas de sangue do Portugal de 1640—o que fazemos?

Não temos uma palavra de amor com que lhe afirmemos uma dedicacão inabalavel, sentida e sincera, que reanime o coração amargurado, e enxugue as lagrimas do Portugal de Virtudes e Heroismos?

O' portuguezes nossos irmãos em crenças e em patriotismo:

O' Portuguezes, nossos irmãos em desejos e sentimentos: só nós temos essa palavra que liga o Passado ao Presente, preparando um Futuro melhor: mais honrado mais digno, mais portuguez;

Só nós temos o balsamo, o fortificante, o refrigerio capaz de fazer com que enxuguem as lagrimas de sangue do Portugal.

E essa palavra é uma só:—simples, mas completa—**organisação!** Sim! **organisação-nos!**

—Pelo **Dever**—contra a usurpação do nosso **Direito**;

—Pela **Lei**—contra a opressão da **Tirania**;

—Pela **Justiça**—contra o crime da **Oligarchia**;

—Pela **Ordem**—contra o selvagemismo da **Anarchia**;

—Pelo **Progresso**—contra a iniquidade da **Sabotagem**;

—Pelo **Trabalho**—contra a insensatez da **Greve**;

—Pela **Moralidade**—contra a expansão da **Orgia**;

—Pela **Caridade**—contra o anti-social **Egoismo**;

—Por **Deus**—contra a irreligião do **Sectarismo**;

—Por **Portugal**—contra a acção do **Revolucio varismo**.

Eis o **Decalogo** da nossa **organisação**, ó Portuguezes nossos irmãos em crenças e patriotismo; em desejos e sentimentos.

Sim!

Crença—Fé em Deus e nos ensinamentos da Sua Doutrina de que a Igreja é depositaria e o Romano Pontifice Guia e Mestre;

Patriotismo—Esperança na protecção da Imaculada—Padroeira de Portugal e num Futuro digno do Passado de que o Beato D. Nuno é o mais lidimo representante e exemplo a seguir;

Desejos—as mais justas e nobres aspirações da alma nacional que quer a Patria nobre e livre e honrada—de que Egas Moniz é leal representante ante a córte de Afonso de Leão e Castela, apresentando a sua vida e a dos seus—em holocausto **á palavra jurada**, pela Liberdade da sua terra—**Terra de Santa Maria**;

Sentimentos—amor, sacrificio, dedicacão, para melhorar o Presente, infeliz e imerecido, tomando para exemplo o Infante Santo—**o Bom Portuguez**—que la ficou no refens de horrores em Ceuta para que não fosse **humilhada nem comprometida** a Patria—**Patria da Senhora das Victorias!**

Com **Deus** por **Guia**: a Imaculada por **Padroeira**:

Zé-pagante

ABRE OS OLHOS

No tempo da *ominosa* e da propaganda republicana, os nossos actuais dirigentes diziam que o povo não podia pagar tanto nem mais um rial. Agora é *ver*: *Contribuição industrial, contribuição de transacções, contribuição de porta aberta* (como que esta não estivesse ou se presume estar incluída na industrial, salvo se a industria se exercer á porta fechada). Mais: *contribuição do ad-valorem, contribuição de disticos, idem de taboletas* e não sei que mais.

Não faz agora o negociante ou tra vida que não seja correr todos os dias para as recebedorias.

Quem ha de pagar tudo isto? O Zé e sempre o Zé. De maneira que o governo é quem torna a vida insuportável ás classes menos remediadas.

E' esfolar nos agora que a carne já se foi. Fica apenas a pele.

Carteira

Chegou no sabado, a esta cidade, vindo de Africa, o snr. Capitão Antonio de Quadros Flores, filho do nosso particular amigo, sr. General Antonio Emilio de Quadros Flores.

Esteve a semana passada, nesta cidade, o Snr. Conde de Azevedo.

Delivrance

Teve o seu feliz successo, dando á luz uma linda criança do sexo feminino a ex.^{ma} esposa do nosso bom amigo, snr. Agostinho de Oliveira Bastos, inteligente escrivão de direito nesta comarca. Parabens.

Beneficencias

O Hospital e Entrevados da V. Ordem de S. Francisco receberam no mez de Dezembro findo de diversos beneficores a importancia de 3 465\$000.

O Asilo de Mendicidade recebeu no mesmo mez e de diversos beneficores a importancia de 600\$000.

Bem hajam aqueles que reparam com os pobres das migalhas que lhes sobram da sua meza.

Lança-perfumes, serpentinas e cofetis vendem se na Casa Nun' Alvares a preços sem competencia.

ao Beato D. Nuno para exemplo do **Valór**;

e ao Infante Santo para espelho de **Sacrificio**;

ó Portuguezes, nossos irmãos, **organisação-nos** para a salvação e resurgimento da Patria.

Continuar-se-há.

IRSNIO.

IN MEMORIAM

«Hora de crimes, cobardia e sangue!» (1)

«Dia triste, tristissimo, nefando»... (2)

E' cedo... muito cedo ainda,—apesar de 15 anos volvidos sobre a sanguinolenta tragedia,—para abarcar em todos os seus detalhes e em todas as suas consequencias de desdita para a Patria, o crime praticado na tarde do dia 1. de Fevereiro de 1908.

15 anos são para a Historia, menos que 15 dias para a vida de um homem;—e quem pode, a 15 dias duma tragedia pessoal que lhe feriu fundo o coração, comprehender e marcar a latitude que ela terá no decorrer da sua vida, e medir a extensão da influencia que essa tragedia terá para as seus actos futuros?

Certamente, ninguém!

Pois, assim, á tragedia de horror e desdita; ao erime de «cobardia e sangue» desenrolado no dia 1. de Fevereiro de 1908, não é facil, ainda volvidos 15 anos, marcar sem medo de errar toda a lugubre plenitude e grandeza em consequencias funestas que dela resultaram já—e Deus sabe ás que nos arastará ainda esse crime «tristissimo, nefando».

De facto podemos fazer, apenas estas afirmações:

—Dois Reis foram nessa tarde «*Hora de crimes*» salteados a tiro;

—Dois Reis—D. Carlos I e D. Luiz II foram assassinados.

A Historia falará um dia o nome dos assassinos, quando passadas mais algumas dezenas de lustros, ela tomar conta do primeiro quartel do seculo XX.

O certo porém é que, Alfredo Lopes e Manuel Buiça—desfechando um o revólver e o outro a carabina, se ajudaram a matar, não foram os unicos e principaes assassinos.

Aqueles quando muito, foram dois dos executores que a morte tornou conhecidos—e suprema infamia—glorificados. Por detraz deles havia outros assassinos. Estes serão julgados no tribunal da Historia.

Mas nesta hora de luto e dôr, de saudade e prece, a minha alma evoca em sentida comemoração as Regias Vitimas: Um Rei,—amante do seu paiz—

«cuja ambição foi sempre ornar a Patria de gloria» (3)

á face das nações...

Um Principe—esperança da Patria,—

...mimosa flôr de perfumadas petalas» (4)

Um Rei, a quem a experiencia de reinar ensinára a conhecer as necessidades do Seu Reino e planeando reformas na publica administração, anteolhava a breve praso, em dura-doira grandeza, o resurgimento de Portugal;

Um Principe—já cultissimo, apesar dos seus poucos anos» e que possuía já na Sua alma «os predicados moraes de um futuro grande Rei» (5)

Por isso a tragedia de 1 de Fevereiro de 1908 é maior ainda; e ainda maiores as consequencias funestas, para Portugal, dele resultantes.

Algumas dessas consequencias ahi estão bem patentes; não será preciso indicá-las.

Ha, porém, um facto que se liga á memoria das Regias Vitimas que desejo pôr em mercedo destaque, nesta hora de recordação,—e oxalá, que para, não poucos—de arrependimento.

Esse facto é honrosissimo para a memoria de El Rei D. Carlos.

Torná-lo bem publico é prestar culto á Justiça. Por isso o rememoramos.

Houve um momento em que D. Carlos, na plena comprehensão das suas responsabilidades de Soberano, tentou a ério ocupar o seu logar de Rei; planeando e principiando a lançar as bases do resurgimento de Portugal.

Subindo ao trôno em 19 de Outubro de 1889 o Seu reinado de 18 anos, 3 mezes e 12 dias, pode dividir-se em dois

periodos distintos, e até certo ponto, antagonicos. No primeiro apresenta-se-nos principalmente o Homem de Sciencia e o Diplomata habil, sintetizando a sua acção no «o rei-reina, mas não governa».

No segundo levanta-se o Rei na plenitude do seu amor a Portugal, na mais íntima, verdadeira e legitima compreensão das suas funções; que poderemos resumir assim «o rei não só reina, mas governa.»

O primeiro periodo termina com a crise ministerial que provocou a subida ao poder da Situação Regeneradora — liberal.

O segundo termina com o regicídio:

«Scena tragica, horrivel, brutal.»

«Unica nos annaes do heroico Portugal.» (6)

Não irei fazer uma vista retrospectiva sobre o primeiro — em que entre outros factos de singular importancia para Portugal, se destaca a volta á aliança secular com a Inglaterra; nem irei avaliar o segundo em que se afirma a mais completa união de vistas do problema portuguez entre o Soberano e o Seu Presidente do Conselho, união que se destinava a restabelecer o equilibrio orçamental e a extinguir o «deficil» (Que este era o grande mal, nós, 15 anos depois, o estamos sentindo. *Hora de Justiça bem vinda sejas!*)

Pretendo apenas deixar bem claramente expresso que o segundo periodo foi precisamente o mais curto, — mas em compensação, o de mais activo labor pessoal de D. Carlos como Rei — e ao mesmo tempo, ainda, de grandes beneficios para Portugal seria, se as balas traiçoeiras — não matassem D. Carlos num triplece e traiçoeiro crime.

Sim! A Historia ao lançar um veu de tristeza sobre as desditas da Patria no alvorecer do seculo XX — ha de fazer Justiça, plena, inteira e duradoura ao Rei D. Carlos — e porque não dizê-lo? — ás rectas e patrioticas intenções do Seu ultimo Presidente de Ministros.

E' por isso que a tragedia de ha 15 anos é maior ainda e ainda de mais latitudinarias consequencias.

Ela por termo aos planos de D. Carlos e do seu ultimo Presidente de Conselho, para tornarem, com esforço herculeo e contra a sórdida ambição de muitos, o Portugal num *Portugal Maior*.

E quando mataram D. Carlos?

Parecerá escusada a pergunta, mas não o é! E a Historia responderá:

— Foi quando D. Carlos começou a dedicar-se com amor e confiança num futuro melhor para Portugal; quando a nacionaes e aos estrangeiros, pela pena de Joseph Galtier, D. Carlos dizia: «Tudo o que empreendi, tudo o que faço hoje, é no interesse do meu paiz»; quando o Monarcha declarava «Portugal precisa de tranquillidade; trabalha e pede que a ordem e a paz sejam salvaguardadas»; foi quando, numa confissão espontanea de Rei constitucional, proclamava bem energeticamente para que todos O ouvissem «Nunca esqueci, um instante sequer, quaes são os meus deveres para com a minha corôa e para com o querido paiz»; — (7)

— Foi então que mais vehemente rugiu á sua volta a onda de assassinas imprecações e a cachoeira de não menos assassinos doestos;

— Foi então que serenamente, cobardemente, premeditadamente foram armados os braços dos assassinos.

E quem armou esses braços, os exercitou, exaltou, e os impeliu, numa propaganda tenaz e malevola e mal — sim e injusta e anti-patriotica e assassina?

Mas nesta hora de luto e dôr; de saudade e prece, a minha alma de patriota não acusa... Essa accusação pertence á Historia.

Nesta hora ao recordar a data lugubre do dia 1.º de Fevereiro, ao meu pensamento acodem estas palavras de D. Carlos:

«Tenho grandes imperfeições como homem e como rei... Considero como primeiro dos meus deveres de pae eliminar ou, quando menos, restringir, por meio da educação mais atenta e escrupulosa, no temperamento, no caracter e na intelligencia dos meus filhos, a intervenção dos elementos que actuaram na minha tão imperfeita compleição.» (8)

Estas palavras que «In Memoriam», do 32.º Rei de Portugal deixamos archivadas, são a 15 anos do regicídio, o maximo elogio que hoje — como em Sua vida o poderam ser — se pode fazer de El-Rei D. Carlos I.

Elas demonstram bem cabalmente os sentimentos do Homem, as preocupações do Pae, e os ensinamentos do Rei.

Elas dizem quanto D. Carlos I presentia as responsabilidades que caberiam ao seu successor, e como O pretendeu preparar para o difficil encargo de reinar.

Elas foram certamente as directrices da educação do então Príncipe Real e do Infante.

Digo então porque hoje, não pode, em verdade histori-

ca, chamar-se a D. Luiz Philippe «Príncipe Real», mas sim D. Luiz II.

E' certo que o Seu reinado foi de segundos apenas; — entre a morte do seu Pae e Rei, que defendeu com a vida, e a sua propria morte. Quantos segundos? Não será facil dizê-lo.

Por isso, em casos similares, se diz: «E' morto o Rei!... Viva o Rei», — pois que o seu successor é Rei de direito desde o momento em que a morte do reinante lhe entrega, por direito de succção — e como tal reconhecido pelo paiz como o Príncipe D. Luiz Philippe o foi — o sceptro e a corôa.

D. Luiz II — teve a aclamá-lo o sinistro som das balas regicidas; mas cingiu a corôa entre o desfolhar das violetas e camelias do ramo com que a Rainha Viuva — Rainha, na maior tribulação; Rainha na imensa dôr; Rainha na abnegação — expondo, bem firme no Seu trono de amargura, a vida — fustigava a cara de um dos assassinos.

Foi curto... segundos apenas o reinado de D. Luiz II. Mas o *Trigesimo terceiro Rei de Portugal*, morreu no seu posto de honra: *defendendo seu Pae e seu Rei!*

Honra e gloria á sua realza!

ERNESTO DA VEIGA.

- (1) — Luto e Esperança — poesia de L. G. F. — Echos de Roma.
- (2) — In Placitu — poesia de F. Sequeira — Echos de Roma.
- (3) — Luto e Esperança
- (4) — Idem.
- (5) — Horas de dôr — artigo do Snr. Visconde de Castilho — Echos de Roma.
- (6) — In Placitu —
- (7) — «Temps» — Joseph Galtier — Entrevista com D Carlos.
- (8) — Carta de D. Carlos I a Mousinho d'Albuquerque — Citada no «Rei D. Carlos, o Martyrisado» — do Snr Ramalho Ortigão.

CONDE DE MARGARIDE

A' hora de entrar o nosso jornal na maquina, sabemos que o Ex.º Snr. Conde de Margaride está gravissimamente enfermo, inspirando serios cuidados o seu estado.

Fazemos sinceros e ardentes votos pelas suas melhoras.

Bispo de Beja

Protestamos energeticamente contra o atentado levado a efeito contra a residencia do illustre Prelado de Beja, Ex.º e Rev.º Snr. D. José do Patricinio Dias. Quem seria o Patriota que cometeu esse atentado?

Eles ainda são capazes de virem dizer que foram os *pasuitas!* para comprometer... as ligorias batatas ou bachanaes...

No Parlamento foi o atentado vehemente reprovado por todos os lados da Camara dos deputados. O mesmo succedeu no Senado. Houve discursos e explicações.

O Snr. Carvalho da Silva, monarchico protestou e disse — segundo relato parlamentar do J. de N. cuja ordem sigo na indicação dos oradores — que «taes crimes são agora mais frequentes devido á impunidade». O Snr. ministro das finanças, ficou de transmitir... e salientou que «os poderes publicos sempre punem os criminosos quando o conhecem».

(E o José Julio da Costa anda punido com a liberdade e as suas scrições...)

CASA NUN'ALVARES

Rua da Rainha Guimarães
Tem esta nova casa um completo sortido em *papelaria e objectos para escritório; Livros escolares* para instução primaria e secundaria. *Livros literarios* de bons auctores. *Livros de piedade*. Grande sortido em *Livros de missa*. Oleografias. Estampas religiosas. Medalhas, terços e imagens em massa comprimida. Pagelas eucaristicas: Amor e Reparação.

Foot Ball

Presidente José Ribeiro Jorge
1.º secretario Luiz Gonzaga Leite
2.º secretario Arlindo Leite Ribeiro

DIRECÇÃO

Presidente Mariano Fernandes da Rocha Felgueiras.
1.º secretario Acelino Augusto de Araujo Dantas, Tesoureiro Antonio Antunes de Castro Junior. VOGAES Joaquim Antonio Antunes de Castro e Afonso Pires.

CONCELHO FISCAL

Emilio Ferreira de Macedo
Luiz Rodrigo Graça
José de Freitas Neves
Capitão Geral Acelino Augusto de Araujo Dantas.

Casa Nnn'Alvares

Folhinhas eclesiasticas, missas novas e almanagues bracarenses, Popular católico e de Santo Antonio vendem-se na Casa Nun'Alvares.

Empregado

Com pratica de sola e cabeadaes, precisa-se. Nesta Recdacção se diz.

Farmácia Alves Mendes

(SUCESSOR)

Manuel Ferreira Martins, farmaceutico-quimico pela Faculdade de Farmacia da Universidade do Porto.

Esterilizações, analyses clinicas; preparações de ampolas.

Escrupuloso aviamento de todo o receituario com productos de absoluta confiança.

Especialidades farmaceuticas, etc.

Largo Prior do Crato, 39 a 41

GUIMARÃES

Materiais para construçoes

Deposito de cal, cimento, tintas, vernizes, e artigos concernentes para pintor e caiador

A CASA QUE MAIS BARATO VENDE

AMANDIO TEIXEIRA DE AVELHO

Rua da Rainha Guimarães

COLÉGIO ACADÉMICO

Campo da Misericórdia — Guimarães

Casa de educação e ensino. Instrução primaria com um professor para cada classe. Instrução Comercial. Instrução Secundaria com matriculo no Liceu. Casa Hygienica com recreio dentro do Colégio.

Dão esclarecimentos os directores:

Dr. Alfredo Peixoto
Luiz Gonzaga Pe eira.

II ANO

Nº 64

Ex.º Sr.